

6

Conclusão

A parceria estratégica como um ato de fala e seu papel constitutivo para o relacionamento entre a Rússia e a União Européia

O objetivo proposto para o presente trabalho foi discutir a possibilidade de se observar as relações sociais, e aí se incluem as relações entre atores políticos internacionais – e mais especificamente as relações entre a Rússia e a União Européia –, a partir de concepções ontológicas, epistemológicas e metodológicas centradas na linguagem, mas que não deixem de levar em consideração o elemento empírico. Nesse contexto, o esforço realizado foi o de, a partir de um foco na linguagem utilizada, discutir como o elemento lingüístico é capaz de realmente informar diretamente as regras que constituem os contextos relacionais entre a Rússia e a União Européia. Através de uma abordagem preocupada em analisar o processo, focou-se no termo que permeia constantemente o contexto lingüístico desse relacionamento bilateral: “parceria estratégica”. Nesse sentido, buscou-se apresentar uma leitura de como se pode compreender o papel do uso desse conceito, e como ele constitui o relacionamento entre a Rússia e a União Européia.

O que a análise realizada demonstra é que de fato o termo “parceria estratégica” surge como uma maneira de definir as relações UE-Rússia, mas isso não pode ser compreendido como meramente a constatação de um status fixo de como se relacionam esses dois atores. Justamente, o que se buscou argumentar é que ao se utilizar este conceito como termo definidor das relações Rússia-UE, tal enunciação é um ato de fala que constitui as regras que compõem o relacionamento bilateral.

De fato, deve-se atentar ao fato de que ao se propor o termo “parceria estratégica” ao invés de “cooperação”, “relacionamento especial”, “candidatura à adesão” ou mesmo ao não se inserir a Rússia como outros Estados no âmbito da Política de Vizinhança Européia, está-se determinando que o relacionamento entre a Rússia e a União Européia pauta-se por um status e por regras de agência diferenciados. No entanto, o que se observa é que apesar de os interesses estratégicos se manterem constantes (aprofundamento comercial, manutenção e

promoção de um continente seguro, e a cooperação em aspectos culturais e científicos), o relacionamento bilateral desenvolve-se em um processo gradual.

É nesse contexto que foram identificadas quatro fases de relacionamento entre a Rússia e a União Europeia que equivalem, segundo uma concepção wittgensteiniana, a quatro “jogos” específicos. Nesse sentido, em um processo temporal, pode-se compreender como desde o Acordo de Parceria e Cooperação de 1994 até os dias atuais as relações Rússia-União Europeia passam de um jogo entre desiguais até os dias atuais em que inexistente uma hierarquia entre as partes, e que, diante de algumas divergências, advogue-se uma mínima reaproximação que demonstre que o diálogo é possível e que um pode confiar no outro.

O grande obstáculo para uma tal maneira de se buscar compreender como se desenvolvem as relações entre a Rússia e a União Europeia ao longo do tempo é se conseguir argumentar contra uma visão de que a linguagem em torno da idéia de parceria estratégica é simples retórica ou *lip service*. Deve-se destacar que a crença na natureza retórica da linguagem (e especificamente da linguagem de parceria estratégica) parte de uma crença ontológica básica, de que os atores possuem uma natureza egoísta de auto-preservação e que, de acordo com uma lógica de soma-zero, não querem alcançar seus interesses em detrimento dos interesses dos outros. Ademais, episódios pontuais que se inserem no âmbito da agenda bilateral e sobre os quais as divergências são grandes ou sobre os quais não se alcançam grandes avanços, legitimam um discurso/linguagem sobre estagnação e incompatibilidade que pode servir como base para uma leitura de que determinados elementos inerentes à natureza dos atores, ou das relações internacionais de maneira geral, explicam o fato de que não há e não haverá de fato a possibilidade de configuração de um relacionamento de parceria estratégica.

Contudo, deve-se chamar a atenção ao fato de que existe uma parceria estratégica entre a Rússia e a União Europeia, apesar de realmente maior convergência estratégica ser de fato necessária em algumas áreas. Deve-se levar em consideração que a parceria estratégica no contexto das relações UE-Rússia significa um relacionamento entre iguais, existe um respeito pela autonomia da vontade soberana do outro. É uma parceria que, como coloca Putin, afirmando ser uma fórmula desenvolvida por Romano Prodi, caracteriza-se por “anything but

institutions”¹, em uma alusão de que a cooperação se dá no âmbito do diálogo e de encontros, como as cúpulas UE-Rússia, além dos documentos oficiais e programas de cooperação. Cabe destacar que no documentário *Gigant Gazprom*, anteriormente mencionado, apresenta-se uma fala de Putin que resume muito bem as bases do relacionamento bilateral. O ex-presidente afirma, realizando-se uma tradução livre do alemão, “não tem a ver com amor, mas com interesse”. Nesse sentido, os interesses estratégicos que fundamentam a parceria estratégica são evidenciados no vocabulário dos quatro espaços comuns: economia; liberdade, segurança e justiça; segurança externa; e pesquisa e educação, incluindo aspectos culturais. E se por um lado encontram-se vários exemplos de dificuldade de cooperação no âmbito do espaço comum de segurança externa, no que diz respeito aos demais, a avaliação de representantes das duas partes e também do *EU-Russia Common Spaces Progress Report 2007*, já exemplificados anteriormente, evidenciam que o relacionamento bilateral não se encontra em declínio como muitas vezes se afirma.

Além disso, no que diz respeito à cooperação na área de segurança, tampouco tudo são problemas. Há exemplos de cooperação e iniciativas interessantes nesse âmbito. Em artigo intitulado *Prospects for the EU-Russia Relations* (2008), o ministro das relações exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, chama a atenção para a cooperação militar existente na República do Chade e na República Centro-Africana. Além disso, existe a proposta russa, realizada em visita à Alemanha em junho de 2008, de realização de uma cúpula pan-européia com o objetivo de desenvolver um acordo sobre questões de segurança no continente². Tal iniciativa faz parte do Conceito de Política Externa da Federação Russa de 2008:

“The main objective of the Russian foreign policy on the European track is to create a truly open, democratic system of regional collective security and cooperation ensuring the unity of the Euro-Atlantic region, from Vancouver to Vladivostok, in such a way as not to allow its new fragmentation and reproduction of bloc-based approaches which still persist in the European architecture that took shape during the Cold War period. This is precisely the essence of the initiative aimed at concluding a European security treaty, the elaboration of which could be launched at a pan-European summit.

¹ Putin, *50 Years of the European Integration and Russia*, 2008.

² Fonte: <<http://en.rian.ru/russia/20080716/114103913.html>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2009.

Russia calls for building a truly unified Europe without divisive lines through equal interaction between Russia, the European Union and the United States.”

Cabe destacar que a iniciativa russa supracitada insere-se no âmbito de uma proposta de aliança tripartite que incluía também os Estados Unidos da América. Ainda, deve-se destacar que, se por um lado a área de segurança pode ser considerada a menos desenvolvida no âmbito da parceria estratégica entre a Rússia e a União Europeia (e a que alimenta o discurso/linguagem de estagnação e incompatibilidade), deve-se levar em consideração que nessa área as relações entre a Rússia e os Estados Unidos da América são um elemento importante. Deve-se considerar que é um jogo que inclui um relevante terceiro jogador, devendo-se relativizar até que ponto problemas da falta de avanços nessa área refletem problemas inerentes à parceria estratégica entre a Rússia e a União Europeia.³

Assim, o que se buscou destacar é que há exemplos de que a utilização do conceito de parceria estratégica é um ato de fala que realmente constitui o jogo das relações entre a Rússia e a União Europeia, refletindo-se em práticas concretas. Por mais que em alguns momentos as regras de um relacionamento entre parceiros estratégicos possa ser rompida – o que não retira a legitimidade da abordagem, pelo fato de que as regras que constituem um determinado jogo podem sim ser rompidas –, isso não exclui o fato de que o termo parceria estratégica é o conceito referencial que se emprega e determina como se pode compreender o relacionamento entre a Rússia e a União Europeia. Nas palavras da Comissária de Comércio Catherine Ashton, em discurso em 13 de novembro de 2008: “I think we will have turned the corner in EU-Russia relations when we both come to see our growing interdependence as something that makes our relationship stronger and more durable, rather than increasing our vulnerability.”⁴ Sergei Lavrov também é assertivo em afirmar que a parceria estratégica significa algo:

“[w]e do not call ourselves strategic partners for nothing. Our strategic partnership is determined not only by the achieved results but also by enormous global challenges we are facing, first of all in the economy, and by the fact that there is no alternative to combined efforts to work out adequate

³ É interessante destacar que o Informe sobre o Progresso dos Quatro Espaços Comuns, de 2007, abertamente afirma que o progresso do espaço comum de segurança externa não são incluídas na avaliação por se inserirem no âmbito da Política Externa e de Segurança Comum da UE.

⁴Fonte: <http://www.delrus.ec.europa.eu/en/p_233.htm>. Acesso em: 17 de janeiro de 2009.

responses to them. We are convinced that the mechanism of strategic partnership will remain essential and will continue to develop and improve.

Of course, like among any partners, occasionally there arise differences between Russia and the European Union on various issues but what is important is that the Parties are inclined to overcome them and prevent them from becoming a barrier to cooperation in the areas where our interests converge.”⁵

Nesse sentido, não parecem ser válidas análises e discursos que identifiquem incompatibilidades sistêmicas ou provenientes da natureza diferenciada dos atores. Muito além de uma questão de incompatibilidade de valores ou de noções de soberania, o que parece faltar à Rússia e à União Européia para que possam superar o atual momento, em que a audiência de maneira geral está mais inclinada a não identificar um relacionamento de real parceria estratégica entre as partes, é dar continuidade e intensificar o diálogo bilateral, continuando a “agir como se” avanços fossem possíveis. Porque eles são comprovadamente possíveis.

A questão de trânsito de Kaliningrado, e os demais exemplos mencionados, são evidências empíricas de que um diálogo pragmático (a tônica do relacionamento de parceria estratégica proposto e que vem se desenvolvendo entre a União Européia e a Rússia) é capaz de gerar avanços para ambas as partes. Dessa maneira, tanto o diálogo sobre energia como temas de segurança tem muito a se beneficiar de uma linguagem que proponha e legitime um diálogo aberto e pragmático. Nesse sentido uma estratégia atual válida para as partes seria investir em uma linguagem objetiva que demonstre linhas específicas bem definidas de cooperação e que paulatinamente possa ganhar legitimidade e ser vista como plausível pela audiência européia de maneira geral, anulando o discurso/linguagem sobre incompatibilidades, o qual somente contribui para um sentimento de desconfiança e um contexto em que se espera sempre o pior do outro, minando as possibilidades de ações estratégicas coordenadas.

Finalmente cabe destacar brevemente o cenário atual. Segundo Adrianov e Ivliev (2008), a crise financeira internacional já afeta negativamente a Rússia:

“December 12, 2008 saw the Ministry of Economic Development of Russia officially announcing that the country’s economy had entered into recession. According to the Ministry’s forecast, economic growth rate in 2008 will be 6% compared to the expected 7%; prices fall for exported minerals, including oil and metals, will lead to trade balance deficit of the country, and

⁵ Lavrov, *Prospects for the EU-Russia Relations*, 2008.

unemployment rate will rise. In October 2008 4,6 million people lost their jobs, which is 8% more than the previous year.”

A zona do euro também já reconhece ter entrado em recessão após ter registrado crescimento negativo de 0,2% nos dois últimos trimestres de 2008 (duas das principais economias da zona, Alemanha e Itália, alavancam essa recessão da zona).⁶ Dessa maneira, o atual contexto de crise financeira e de baixa do valor do petróleo (algo muito ruim para a Rússia) apresenta-se como um desafio e uma oportunidade para as relações entre a Rússia e a União Européia. Se por um lado os desafios de ajustes são grandes, por outro lado o diálogo econômico tem sido um dos pontos fortes da parceria estratégica, e dada a necessidade de medidas pragmáticas, possivelmente o foco que se tem em áreas problemáticas do relacionamento bilateral deverá ser temporariamente movido para temas de cooperação econômica, o que pode possibilitar maior legitimidade à linguagem de parceria estratégica. Cabe somente aguardar e ver se o momento poderá ser bem aproveitado no sentido de fortalecer o relacionamento bilateral.

O objetivo do presente trabalho foi demonstrar que outra maneira de compreender as relações sociais, e mais especificamente as relações internacionais, é possível. As relações entre a Rússia e a União Européia de fato são complexas e possuem sérios obstáculos a ser superados. No entanto, o que se pôde observar é que uma abordagem baseada em uma ontologia que destaca o caráter constitutivo da linguagem centrada no conceito de parceria estratégica permite conclusões distintas a respeito desse relacionamento bilateral. Buscando-se não apresentar uma análise normativa influenciada por um desejo de que a realidade simplesmente fosse diferente, espera-se ter realizado uma contribuição no sentido de destacar como um olhar centrado na linguagem em uso modifica a visão sobre a realidade social e permite imaginar possibilidades distintas e mais cooperativas de relacionamento entre os atores políticos internacionais.

⁶ Fonte: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/7729018.stm>>. Acesso em: 4 de fevereiro de 2009.